

CLÁSSICOS ATELIE

Direção

Ivan Teixeira e Paulo Franchetti

Conselho Editorial

Antônio Medina Rodrigues

Dácio Antonio de Castro

José De Paula Ramos Jr.

CLEPSIDRA

Poemas de Camilo Pessanha

Organização, apresentação e notas

Paulo Franchetti


Ateliê Editorial

CLÁSSICOS ATELIE

Direção

Ivan Teixeira e Paulo Franchetti

Conselho Editorial

Antônio Medina Rodrigues

Dácio Antonio de Castro

José De Paula Ramos Jr.

CLEPSIDRA

Poemas de Camilo Pessanha

Organização, apresentação e notas

Paulo Franchetti


Ateliê Editorial

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pessanha, Camilo, 1867-1926.
Clepsidra: poemas de Camilo Pessanha /
Organização, apresentação e notas Paulo Franchetti. -
São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

ISBN 978-85-7480-462-0
Bibliografia.

I. Poesia portuguesa I. Franchetti, Paulo.
II. Título.

09-10285

CDD-869.1

Índices para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura portuguesa 869.1

Direitos reservados à

ATELIÊ EDITORIAL

Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897
06709-300 - Granja Viana - Coíha - SP

Telefax: (11) 4612-9666
www.atelie.com.br
atelie@atelie.com.br

Printed in Brazil 2009
Foi feito o depósito legal

Foi um dia de inúteis agonias,
Dia de sol, inundado de sol.
Fulgiam nuas as espadas frias.
Dia de sol, inundado de sol.

Foi um dia de falsas alegrias:
Dália a esfolhar-se, o seu mole sorriso.
Voltavam os ranchos¹ das romarias.
Dália a esfolhar-se, o seu mole sorriso.

Dia impressível², mais que os outros dias.
Tão lícido, tão pálido, tão lícido!
Difuso de teoremas, de teorias.

O dia fútil, mais que os outros dias.
Minuete³ de discretas ironias.
Tão lícido, tão pálido, tão lícido!

1. *Rancho*: grupo de pessoas.
2. *Impressível*: que pode receber impressão.
3. *Minuete*: o mesmo que minueto – dança leve e graciosa, surgida no século XVII, na França.

Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho,
Onde esperei morrer, – meus tão castos lençóis?
Do meu jardim exíguo¹ os altos girassóis
Quem foi que os arrancou e lançou ao caminho?

Quem quebrou (que furor cruel e simiesco!)
A mesa de eu ceiar, – tábua tosca, de pinho?
E me espalhou a lenha? E me entornou o vinho?
– Da minha vinha o vinho acidulado e fresco...

Ó minha pobre mãe!... Não te ergas mais da cova.
Olha a noite, olha o vento. Em ruína a casa nova...
Dos meus ossos o lume a extinguir-se breve.

Não venhas mais ao lar. Não vagabundes mais,
Alma da minha mãe... Não andes mais à neve,
De noite a mendigar às portas dos casais².

1. *Exíguo*: pequeno.
2. *Casais*: lugar(s), povoado pequeno.

Imagens que passais pela retina
 Dos meus olhos, por que não vos fixais?
 Que passais como a água cristalina
 Por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina
 Vosso curso, silente de juncais¹,
 E o vago medo angustioso domina,
 – Por que ides sem mim, não me levais?

Sem vós o que são os meus olhos abertos?
 – O espelho inútil, meus olhos pagãos!
 Aridez de sucessivos desertos...

Fica sequer, sombra das minhas mãos,
 Flexão casual de meus dedos incertos,
 – Estranha sombra em movimentos vãos.

Quando voltei encontrei os meus passos
 Ainda frescos sobre a úmida areia.
 A fugitiva hora, revoquei-a,
 Tão redutível, nos meus olhos baços...

Olhos turvos de lágrimas contidas.
 – Mesquinhos passos, por que doidejastes
 Assim transviados, e depois tornastes
 Ao ponto das primeiras despedidas?

Onde fostes sem tino, ao vento vário?
 Em redor, como as aves num aviário¹,
 Até que a asita fofa lhes faleça...

Toda essa extensa pista – para quê?
 Se há de vir apagar-vos a maré,
 Com os do novo rasto que começa...

1. *Juncais*: campo ou aglomerado extenso de juncos.

1. *Aviário*: viveiro de aves.

Depois da luta e depois da conquista
Fiquei só! Fora um ato antipático!
Deserta a Ilha, e no lençol aquático
Tudo verde, verde, – a perder de vista.

Por que vos fostes, minhas caravelas,
Carregadas de todo o meu tesouro?
– Longas teias de luar de Lhamã¹ de oiro,
Legendas a diamantes das estrelas!

Quem vos desfez, formas inconsistentes,
Por cujo amor escalei a muralha,
– Leão armado, uma espada nos dentes?

Felizes vós, ó mortos da batalha!
Sonhais, de costas, nos olhos abertos
Refletindo as estrelas, boquiabertos...

A dor, forte e imprevista,
Ferindo-me, imprevista,
De branca e de imprevista
Foi um deslumbramento,
Que me endoidou a vista,
Fez-me perder a vista,
Fez-me fugir a vista,
Num doce esvaimento¹.

Como um deserto imenso,
Branco deserto imenso,
Resplandecente e imenso,
Fez-se em redor de mim.
Todo o meu ser, suspenso,
Não sinto já, não penso,
Pairo na luz, suspenso...
Que delícia sem fim!

Na inundação da luz
Banhando os céus a flux²,
No êxtase da luz,
Vejo passar, desfila
(Seus pobres corpos nus
Que a distância reduz,
Amesquinha e reduz
No fundo da pupila)

1. *Esvaimento*: desmaio, desfalecimento.

2. *A flux*: em grande quantidade.

Na areia imensa e plana
Ao longe a caravana
Sem fim, a caravana
Na linha do horizonte
Da enorme dor humana,
Da insigne dor humana...
A inútil dor humana!
Marcha, curvada a frente.

Até o chão, curvados,
Exaustos e curvados,
Vão um a um, curvados,
Os seus magros perfis;
Escravos condenados,
No poente recordados,
Em negro recordados,
Magros, mesquinhos, vis.

A cada golpe tremem
Os que de medo tremem,
E as pálpebras me tremem
Quando o açoite vibra.
Estalal e apenas gemem,
Palidamente gemem,
A cada golpe gemem,
Que os desequilibra.

Sob o açoite caem,
A cada golpe caem,
Erguem-se logo. Caem,
Soergue-os³ o terror...
Até que enfim desmaiem,

Por uma vez desmaiem!
Ei-los que enfim se esvaem,
Vencida, enfim, a dor...

E ali fiquem serenos,
De costas e serenos.
Beije-os a luz, serenos,
Nas amplas fontes calmas.
Ó céus claros e amenos,
Doces jardins amenos,
Onde se sofre menos,
Onde dormem as almas!

A dor, deserto imenso,
Branco deserto imenso,
Resplandecente e imenso,
Foi um deslumbramento.
Todo o meu ser suspenso,
Não sinto já, não penso,
Pairo na luz, suspenso
Num doce esvaimento.

Ó morte, vem depressa,
Acorda, vem depressa,
Acode-me depressa,
Vem-me enxugar o suor,
Que o estertor começa.
É cumprir a promessa.
Já o sonho começa...
Tudo vermelho em flor...

3. Soerguer: tornar a erguer.

Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,
 – Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise¹,
 Represados clarões, cromáticas² vesânias³ –,
 No limbo⁴ onde esperais a luz que vos batize,

As pálpebras cerrai, ansiosas não veleis.

Abortos que pendeis as frontes cor de cidra,
 Tão graves de cismar, nos bocais dos museus,
 E escutando o correr da água na clepsidra⁵,
 Vagamente sorris, resignados e ateus,

Cessai de cogitar, o abismo não sondeis.

Gemebundo⁶ arrulhar dos sonhos não sonhados,
 Que toda a noite errais, doces almas penando,
 E as asas lacerais⁷ na aresta dos telhados,
 E no vento expirais em um queixume brando,

Adormecei. Não suspireis. Não respireis.

1. *Hemoptise*: doença que faz tossir sangue.
2. *Cromático*: relativo a cores.
3. *Vesânia*: loucura, perturbação mental.
4. *Limbo*: morada das almas que não podem se aproximar de Deus por não terem sido batizadas.
5. *Clepsidra*: relógio de água.
6. *Gemebundo*: que geme, que se lamenta.
7. *Lacerar*: dilacerar, despedaçar.

110 v. CAMILO PESSANHA

Os versos a seguir foram recolhidos por um dos primeiros editores da *Clepsidra* e agrupados de modo a formar um poema. Os textos, escritos a lápis por Camilo Pessanha em um caderno, apresentam grandes dificuldades de leitura e, ao que tudo indica, nunca chegaram a ser considerados, pelo próprio poeta, terminados. É o que se infere da análise dos documentos disponíveis: Pessanha nunca se referiu a esses versos em qualquer documento, nunca lhes após uma data para indicar o momento da conclusão da primeira versão (que, por costume, ele mantinha mesmo quando alterava significativamente o texto) e tampouco escreveu ao lado do manuscrito a palavra “limpa”, como fez com tantos outros, inclusive com o quase borrão que resultou de suas correções ao poema “Vida”. Mas porque, embora não configurem um poema, alguns desses versos têm grande beleza, não achei justo sonegá-los ao leitor.

Cristalizações salinas,
 Mirrai na areia o plasma vivaz,
 Não se desenvolvam as ptomainas¹.
 Que adocicado! Que obsessão de cheiro!
 Putrescina²! – Flor de lílãs!
 Cadaverina³! – Branca flor do espinheiro!

1. *Ptomaina*: putrefação cadavérica, infecção causada por ela.
2. *Putrescina*: substância encontrada nos tecidos em decomposição.
3. *Cadaverina*: composto orgânico de odor repulsivo, formado na putrefação.

Em talha antes totem¹,
 eptoplas² na areia o plasma vivaz,
 Não se desenvolvam as ptomainas³.
 Que adocicado! Que obsessão de cheiro!
 Putrescina⁴! – Flor de lílãs!
 Cadaverina⁵! – Branca flor do espinheiro!

Es é o mesmo versinho de que
 se falou no capítulo de "A
 vida e a morte" no livro "A
 vida e a morte" de o mesmo
 autor.